



Detalhe Empório do Sertão: venda de produtos nativos.

# Cooperativa Grande Sertão: articulando populações e diversidades do Norte de Minas Gerais

Breno Gonçalves e Helen Santa Rosa\*

**F**azer com que os produtos dos rincões mais longínquos do sertão mineiro fossem consumidos por gente da região; colocar nas prateleiras dos supermercados e padarias os frutos dos cerrados e das caatingas, extraídos por diversas famílias das mais variadas localidades; dar visibilidade e legitimar o valor dos produtos vindos de camponeses “encurralados”

pela voracidade do agronegócio: foram essas motivações que fizeram com que a Cooperativa de Agricultores Familiares e Agroextrativistas Grande Sertão fosse criada no Norte de Minas Gerais, como um instrumento econômico e político das agricultoras e agricultores, que aos poucos vêm se fortalecendo no mercado regional e estadual, alcançando, a cada dia, vãos mais altos...

## Como tudo começou...

A Cooperativa dos Agricultores Familiares e Agroextrativistas Grande Sertão nasceu de um sonho conjunto, de muitos braços, corações e cabeças. A idéia surgiu em 1995, a partir da necessidade que os agricultores e agricultoras tinham de acessar o mercado. Outros modelos de organização foram experimentados, até que se chegou, em 18 de julho de 2003, ao modelo atual. Tudo começou com a produção de polpas, em quantidade pequena, armazenadas em um único freezer e entregues de bicicleta. Depois a marca Grande Sertão foi registrada e a embalagem melhorada, constando tabela nutricional e data de fabricação. Com o tempo, sentiu-se a necessidade de melhorar o *marketing* dos produtos, pensando cores e dizeres que expressassem os elementos diferenciadores que caracterizam a marca. Era preciso que ficasse bem claro quais eram os valores que diferenciavam os produtos: a agroecologia, a regionalidade e a inserção social e econômica dos agricultores familiares. Com essa preocupação, foi contratada uma consultoria, que trabalhou todo o *marketing* e imagem dos produtos da cooperativa. O resultado foi a melhoria da qualidade visual e o acesso mais qualificado ao mercado.

A demanda aumentou. Atualmente são comercializadas 17 variedades de polpa de frutos dos cerrados e das caatingas, além do óleo e polpa congelados de pequi (*Caryocar brasiliense Camb*), rapadurinha, farinha e mel. A Cooperativa também articula a compra e venda de sementes de sorgo, milho, feijão e arroz, proporcionando o intercâmbio solidário de sementes crioulas entre as comunidades. As sementes saem dos assentamentos e comunidades rurais, são disponibilizadas para outras comunidades e circulam entre grupos de agricultores da região, que assumem o compromisso de preservar as variedades.

## O Norte de Minas

Do ponto de vista geográfico, a região do Norte de Minas caracteriza-se como uma ampla faixa de transição, entre uma vegetação típica do Planalto Central Brasileiro - os cerrados - e as formações que fazem contato com a caatinga, vegetação típica do semi-árido nordestino. Em função das mudanças de altitude e linhas de drenagem, vão se formando as áreas de dominância, ora o cerrado, ora a caatinga. Como quem disputa o domínio do território, esses dois tipos de vegetação se entrelaçam, conformando complexos e variados ecossistemas de transição, as matas secas ou florestas caducifólias em formas diversas.

A ocupação humana desses variados ecossistemas foi ao longo do tempo, através de um processo de coevolução homem/ecossistemas, configurando culturas, agroecossistemas e diferentes formas de organiza-



**A Cooperativa Grande Sertão se apresenta como uma organização de apoio à luta de camponeses dessa região por um reposicionamento quanto à relação com os mercados.**

ção socioeconômica. O *modus vivendi* dos habitantes da caatinga ("os caatingueiros"), dos habitantes do Cerrado ("os gerazeiros"), dos habitantes das ilhas e vazantes do São Francisco ("os vazanteiros"), e ainda dos remanescentes de indígenas e quilombos (Dayrell, 1998) aponta para a presença de uma série de *grupos de populações tradicionais*. Trata-se da convivência de sistemas cognitivos distintos, que Gonçalves (2000) redefina como as *diferentes matrizes de racionalidade*.

Um novo movimento civilizador se avizinha, sob as vestes modernas do agronegócio, e busca integrar essa região, a todo custo, como produtora de matéria-prima barata - ora com os plantios homogêneos de eucalipto, para produção de carvão e celulose que alimenta os auto-fornos que aquecem a cadeia do aço e os negócios correlatos a estes; ora com os pólos de agricultura irrigada ou a pecuária. Tais *boas novas*, na verdade, se inserem como parte de complexos oligopólios, com tentáculos por todos os cantos do planeta, estabelecidos na estrutura global de produção e consumo. Essa dinâmica é decorrente da expansão da economia internacional a partir dos centros dinâmicos, cada vez mais ávidos por fontes de recursos naturais e mão-de-obra barata. O fluxo de riqueza produzido dentro desses complexos se move segundo o interesse dos que estão no centro do sistema.

É nesse cenário econômico e político adverso que a Cooperativa Grande Sertão se apresenta como uma organização de apoio à luta de camponeses dessa região por um reposicionamento quanto à relação com os mercados.

<sup>1</sup>DAYRELL, Carlos A. *Gerazeiros e Biodiversidade no Norte de Minas: a contribuição da agroecologia e da etnoecologia nos estudos dos agroecossistemas tradicionais*. La Rábica, Espanha, Universidade Internacional de Andalucía, 1998. Dissertação de mestrado (mimeo).

<sup>2</sup>GONÇALVES, Carlos W. P. *As Minas e os Gerais: breve ensaio sobre desenvolvimento e sustentabilidade a partir da Geografia do Norte de Minas*. In: LUZ, Cláudia; DAYRELL, Carlos (org.). *Cerrado e desenvolvimento: tradição e atualidade*. Montes Claros: Max Gráfica, CAA-NM e Rede Cerrado, 2000.

## Agroecologia e identidade regional

O trabalho central da Cooperativa é organizar a produção, fazer o beneficiamento e encaminhar o produto ao mercado. Uma das primeiras exigências é a de que os produtos sejam agroecológicos. Para isso a cooperativa disponibiliza o acompanhamento técnico para capacitação e monitoramento das propriedades. O diferencial dos produtos está na qualidade e na agregação de importantes valores como respeito ao meio ambiente, compromisso social com as populações sertanejas e valorização dos biomas cerrado e caatinga.

**São 700 famílias, em 148 comunidades de 17 municípios do Norte de Minas. Homens e mulheres que cultivam alimentos para o autoconsumo em parceria com suas famílias e comunidades, gerando também excedentes para o mercado. Criam pequenos animais, hortas e roças diversificadas. Lidam no engenho, na casa de farinha, no apiário. Fazem uso de plantas medicinais na cura de suas enfermidades e das dos animais. Fazem uso da biodiversidade do semi-árido, manejando as variedades nativas, colhendo os seus frutos, cuidando da multiplicação de suas sementes e cuidando também da preservação dos cursos d'água e nascentes.**

## Processo de beneficiamento e comercialização

Num dia determinado, um veículo da Cooperativa vai ao local e faz o transporte dos produtos até a fábrica, localizada na Área de Experimentação e Formação em Agroecologia (Aefa) do Centro de Agricultura Alternativa do Norte de Minas (CAA/NM). Da fábrica, a polpa, já processada e congelada, é levada para uma unidade de comercialização da Cooperativa, localizada no distrito industrial de Montes Claros. Daí seguem para prateleiras dos estabelecimentos comerciais da região. No caso do pequi, o beneficiamento é feito pelas próprias famílias, nas unidades comunitárias de beneficiamento e produção. A partir das experiências com o pequi, e mais recentemente com a cana-de-açúcar, foi possível tomar novos rumos, descentralizando o beneficiamento e a comercialização. Atualmente, as iniciativas locais estão sendo incentivadas, gerando maior autonomia para os grupos, colaborando para que as unidades comunitárias de beneficiamento sejam também de comercialização.

Assim, as unidades centrais da Cooperativa - Montes Claros e Porteirinha - focam seus esforços na produção de bebidas (polpa e suco) e colaboram para que as outras cadeias produtivas de cana-de-açúcar, mandioca, pequi e animais se desenvolvam paralelamente, por meio de acompanhamento técnico, apoio jurídico-legal e o fortalecimento da marca "Grande Sertão".

## Redes de articulação

A Cooperativa Grande Sertão participa também das redes de articulação. Junto com outras entidades, contribui na construção de propostas para o desenvolvimento regional, levando em consideração a realidade das populações do semi-árido mineiro e suas experiências. Enreda-se para fortalecer e articular lutas e demandas. Os principais parceiros dessas redes são: o Centro de Agricultura Alternativa do Norte de Minas (CAA), a Articulação Mineira em Agroecologia (AMA), o Fórum de Desenvolvimento Sustentável do Norte de Minas, a Cáritas, a Articulação do Semi-Árido (ASA), a Rede Alerta contra o Deserto Verde, a Rede Cerrado, e tantas outras organizações comprometidas com o desenvolvimento rural.



Foto: Arquivo CAA-NM

Detalhe Empório do Sertão: arroz com pequi



Foto: Arquivo CAA-NM

Detalhe Empório do Sertão: café no fogão à lenha por "dona" Joaquina do Assentamento Tapera.



Foto: Arquivo CAA-NM

Detalhe Empório do Sertão: agricultores preparando paçoca de carne

## Participação das mulheres

Existe hoje um grande esforço para incluir as mulheres nos processos da Cooperativa. Elas garantem a coleta dos produtos nativos, principalmente quando os homens migram temporariamente para as lavouras de café e cana em São Paulo. Maria de Lourdes de Souza é um exemplo de inserção da mulher nesse espaço. Secretária e mobilizadora da Cooperativa na região da Serra Geral, acredita que a participação na organização possibilita maior intervenção em outros espaços. *A oportunidade de estar na Cooperativa gera uma expectativa grande de envolvimento das mulheres num trabalho conjunto. Tira a gente da "cozinha" pra participar de outros movimentos. É um leque que se abre para a nossa participação em outras discussões, inclusive na formulação de políticas públicas,* afirma.

## O rural e o urbano: experiência de fornecimento da merenda escolar para municípios

A proposta da Cooperativa Grande Sertão é se fortalecer enquanto um empreendimento "mãe", que funcione como um instrumento de diálogo das populações tradicionais com as instâncias governamentais, o mercado e redes sociais, para, dessa forma, se constituir em uma ferramenta estratégica para as lutas e conquistas dos agricultores da região norte mineira.

Apesar de o próprio Estado ser um dos grandes consumidores de alimentos do país, principalmente no âmbito municipal, onde a merenda escolar é obrigatória para as escolas do ensino fundamental (1ª a 8ª série), não é raro os estudantes do Norte de Minas consumirem refrigerantes e arroz de outras regiões. Enquanto isso, os agricultores locais são obrigados a buscar emprego nos grandes centros por não conseguirem escoar seus produtos, e seus filhos têm negado o direito de conhecer e consumir na escola a rica e farta produção *agri-cultural* da região. De forma direta e objetiva, alguns municípios já começam a acordar para uma nova forma de dinamizar sua economia, integrando produção local e consumo, gerando renda e criando uma imagem favorável com a absorção dos produtos agroecológicos regionais.

## Segurança alimentar e nutricional

Às escolas e demais consumidores, a Cooperativa oferece alimentos de qualidade em substituição àqueles com forte teor de insumos químicos e de origem duvidosa, revertendo gradativamente o consumo de açúcar cristal, refrigerantes, suco em pó e óleo de soja por rapadura, mel, suco natural de frutas, polpa e óleo de pequi.

### Contratos de venda da Cooperativa Grande Sertão no âmbito do Programa de Aquisição de Alimentos (PAA) da Companhia Nacional de Abastecimento (Conab) [ano 2005]

Municípios	Consumidores beneficiários		Produto	Quant. (kg)	Valor (R\$)
	Instituições	Pessoas			
06	<ul style="list-style-type: none"> <li>• 21 escolas</li> <li>• 06 creches</li> <li>• 01 hospital</li> <li>• 01 associação comunitária</li> <li>• 01 asilo</li> <li>• 02 Apae</li> </ul>	30.000	Polpa de fruta	93.450	750.000,00
			Rapadura	26.245	
			Óleo de pequi	2.000	
			Mel	11.500	
			Polpa de pequi em conserva	1.000	

Para o ano de 2005, foram encomendados por volta de 130 mil quilos de alimentos para o mercado institucional: creches, asilos, Associações de Pais e Amigos dos Excepcionais (Apae) e escolas, atingindo um público superior a 30 mil pessoas localizadas em Belo Horizonte e em outros seis municípios da região, conforme nos mostra o quadro da página ao lado.

## Luta pela terra e reconversão agroecológica

Um grande mérito da Cooperativa Grande Sertão em sua trajetória foi conseguir criar mercado para sabores nativos, que até então eram desconhecidos dos consumidores das cidades, principalmente entre os mais jovens. A partir de então, vem se construindo uma imagem positiva para esses produtos, abrindo novas perspectivas para a agricultura camponesa e criando consciência no público urbano, que começa a dar ressonância às lutas pela preservação da biodiversidade, fato observado em uma ação coletiva que impediu, no ano de 2002, a destruição de uma grande área de reserva, na comunidade do Areião, na cidade de Rio Pardo de Minas, responsável pelo fornecimento de mangaba para a Grande Sertão na safra 2002/2003.

## Projeto de reconversão da monocultura do eucalipto.

Cientes do vencimento do contrato de arrendamento de suas terras feito pelo Estado para as empresas reflorestadoras, as comunidades da região do Alto Rio Par-

Foto: Arquivo CAA-NM



Produção artesanal de óleo de pequi,  
Comunidade de Água Boa, Rio Pardo de Minas

Um grande mérito da  
Cooperativa Grande Sertão em  
sua trajetória foi conseguir  
criar mercado para sabores  
nativos, que até então eram  
desconhecidos dos  
consumidores das cidades,  
principalmente entre  
os mais jovens.

do, com o apoio dos movimentos sociais, se organizam para retomá-las e construir um projeto de reconversão de 10 mil hectares de monocultura de eucalipto na comunidade de Vereda Funda. A Cooperativa Grande Sertão é um parceiro fundamental na concretização desse projeto, atuando como ator responsável por traçar estratégias de viabilização econômica da produção agroecológica das comunidades nele envolvidas. A cooperativa já vem atuando concretamente na região com o beneficiamento da mangaba e do pequi, englobando 25 comunidades e 156 famílias.

Por fim, a Cooperativa Grande Sertão representa uma entidade constituída a partir das populações tradicionais. Até então vistas como sujeitos alvos de políticas compensatórias de amortecimento social, essas populações passam a se posicionar, através da organização Grande Sertão, como atores da construção de uma nova plataforma, cuja base está alicerçada na valorização dos potenciais ecossistêmicos, na revalorização de paisagens camponesas, na reestruturação produtiva dos agroecossistemas e na participação ativa de sujeitos sertanejos.

Dessa forma, além dos produtos agroecológicos, está sendo reinserido nos mercados locais e regionais um projeto de convivência socioambiental e de inclusão social para os cerrados do Brasil. Todavia, a experiência nos ensina que a agroecologia não pode ser vista como estratégia salvadora e redentora para a agricultura e os camponeses. Faz-se necessário inscrevê-la numa engenharia política e organizativa, articulada a instrumentos efetivos e aplicáveis à realidade regional e fundamentada em elementos que rompam com uma visão fragmentada e setorial da agricultura.

*\*Breno Gonçalves:  
administrador, membro da equipe técnica do CAA-NM*

*Helen Santa Rosa:  
assessora de comunicação do CAA-NM  
caa@caa.org.br*